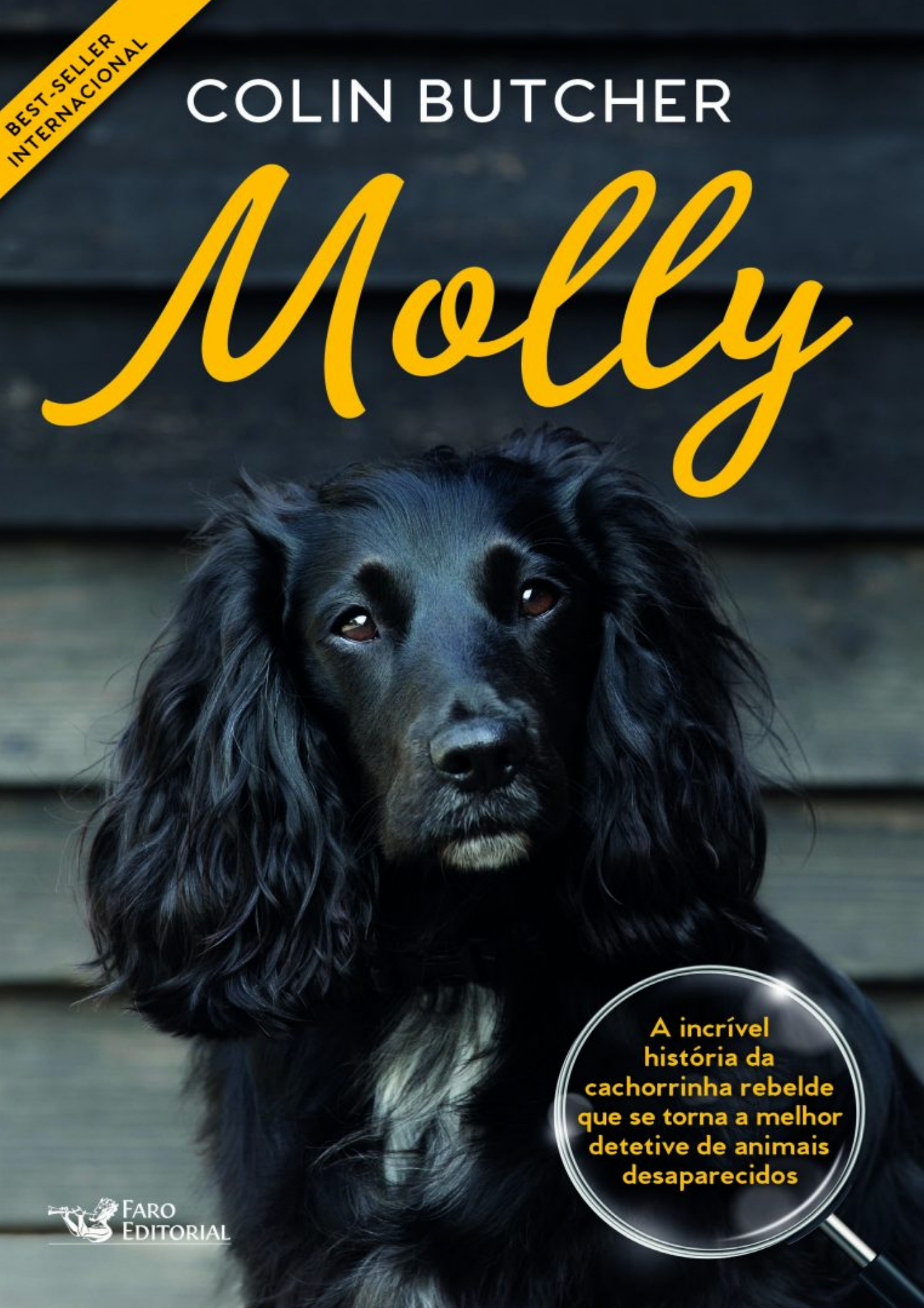


BEST-SELLER  
INTERNACIONAL

COLIN BUTCHER

# Molly



A incrível  
história da  
cachorrinha rebelde  
que se torna a melhor  
detetive de animais  
desaparecidos

 FARO  
EDITORIAL

COLIN BUTCHER

# Molly

A incrível história da cachorrinha  
rebelde que se torna a melhor  
detetive de animais desaparecidos

TRADUÇÃO:  
LÍGIA AZEVEDO

 FARO  
EDITORIAL

© **MOLLY AND ME BY COLIN BUTCHER.**  
**THE MORAL RIGHTS OF THE AUTHOR HAVE BEEN ASSERTED.**

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2019**

Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**  
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**  
Preparação **TUCA FARIA**  
Revisão **BARBARA PARENTE**  
Projeto gráfico **OSMANE GARCIA FILHO**  
Foto de capa **RACHEL OATES**  
Ícones internos **STUDIOGSTOCK E FREEPIK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Butcher, Colin

Molly : A incrível história da cachorrinha rebelde que se torna a melhor detetive de animais desaparecidos / Colin Butcher ; tradução de Lígia Azevedo. — São Paulo : Faro Editorial, 2019.  
224 p.

ISBN 978-85-9581-093-8  
Título original: : Molly and me

1. Cães 2. Relação homem-animal 3. Cães — Detetives  
4. Animais — Roubo I. Título II. Azevedo, Lígia

19-0493

CDD 636.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Cães detetives 636.7



1ª edição brasileira: 2019  
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,  
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310  
Alphaville — Barueri — SP — Brasil  
CEP: 06473-073  
[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)



## O primeiro teste de Molly

Sam, minha assistente, sentou-se à sua mesa, ligou o computador e, no momento em que tomou o primeiro gole de café, o telefone tocou. Eram nove da manhã de 3 de fevereiro de 2017, uma sexta-feira. Eu estava na rua, em frente à entrada da Bramble Hill Farm, me preparando para sair com Molly ao sol matinal. Minha cocker spaniel acordara particularmente animada — tanto que derrubara o vaso favorito da minha namorada, Sarah, ao passar pelo corredor —, e precisava gastar um pouco do excesso de energia.

Sam atendeu à ligação:

— Detetives de Animais do Reino Unido. Como podemos ajudar?

— Espero que possam mesmo — respondeu uma voz masculina melancólica. — Nossa gata, Rusty, desapareceu. Procuramos por toda parte, mas nem sinal dela. Como não sabemos mais o que fazer, achamos melhor ligar pra vocês.

Tim era um designer gráfico que morava em St. Albans, Hertfordshire, com a namorada, Jasmine, uma fisioterapeuta. Eles vinham economizando para dar a entrada em uma casa de dois quartos, mas, por ora, moravam em um apartamento alugado no primeiro andar de um prédio baixo em uma tranquila rua sem saída. O casal amava gatos e adotou em um abrigo a vira-lata branca, preta e marrom com olhos amendoados e cauda longa e fofo. Como o apartamento era bem pequeno, Tim e Jasmine com frequência deixavam a gata do lado de fora. Ela

passeava pela rua, descansava nas entradas para carros e ficava sentada nos degraus, sem ir muito longe ou voltar muito tarde.

Na sexta-feira anterior, no entanto, Rusty não apareceu e seus donos, aflitos, saíram à sua procura.

— Ela não é assim — Tim disse a Sam. — Passamos a semana inteira vasculhando ruas e jardins. Até imprimimos folhetos e cartazes. Mas Rusty não está em lugar nenhum. Estamos completamente perdidos.

— Sinto muito. — Como Sam também tinha um gato, sabia o que eles estavam sentindo. — Pode deixar comigo. Vou falar com o meu chefe e volto a ligar.

Ela foi imediatamente até a janela e gritou para mim:

— COLIN!

Molly e eu paramos em nosso caminho para o gramado e nos viramos para Sam.

— Dá uma passada aqui depois. Acho que posso ter encontrado o primeiro trabalho de verdade da Molly...

Meia hora depois, sentado no escritório, eu discutia o desaparecimento de Rusty com Sam enquanto Molly tirava uma soneca. Senti o coração acelerar ouvindo minha colega narrar sua conversa com Tim e destacar as circunstâncias do desaparecimento. Para que nossa primeira busca fosse um sucesso, as condições teriam que ser favoráveis, o que parecia ser o caso. Primeiro, como Rusty era o único animal da casa, conseguiríamos obter uma boa amostra de pelo, o que daria a Molly grandes chances de isolar o cheiro. Segundo, fazia menos de uma semana que Rusty sumira, o que aumentava a probabilidade de encontrá-la viva. O fato de que o clima estava excepcionalmente calmo e estável para o começo de fevereiro também trabalhava a nosso favor. Qualquer vento forte demais ou precipitação (chuva, neve ou névoa, por exemplo) diluiriam o cheiro do gato e interfeririam no nariz ultrasensível de Molly.

Por sorte, como um egresso das Forças Armadas, eu entendia de questões meteorológicas e geográficas. Antes da minha longa carreira na polícia, eu servira uma década na Marinha Real, o que despertara um grande interesse por tempo, clima e navegação costeira. Eu estudara todos esses assuntos e expandira o meu conhecimento científico sobre massas de ar, sistemas frontais e cartografia, me tornando quase

um especialista. Mal sabia o quão útil ele seria no mundo da investigação de animais.



Em dezembro de 2016, Molly completou um treinamento intensivo em reconhecimento de cheiros em uma instituição chamada Medical Detection Dogs (MDD). Desde então, treinamos em inúmeras situações hipotéticas no meu quartel-general, aprimorando nossas habilidades e nos preparando para a nossa primeira busca real por um gato perdido. Sentia-me confiante de que Molly e eu tínhamos chegado ao nível exigido de competência, mas foi só quando mandei algumas gravações de nossos treinamentos para os especialistas da MDD que finalmente recebemos sinal verde.

— Pelo que vimos, achamos que os dois estão prontos para sua primeira busca real — eles disseram, o que me deixou arrepiado. — A interação e o trabalho de equipe de vocês são excelentes. Vocês estão prontos.

Agora, depois da conversa telefônica de Sam, eu finalmente encarava a perspectiva de realizar uma busca real com Molly ao meu lado. Senti uma mistura de animação e receio. Tinha gastado muito tempo e energia desenvolvendo minha ideia inovadora de cães farejando gatos — fazia cinco anos que trabalhava nisso. Depois de, enfim, ter encontrado a parceira perfeita, eu queria provar que estava certo, o que faria todo o trabalho valer a pena.

— Pode ser a nossa chance — eu disse a Sam. — Esse será o primeiro teste de Molly.

— Ah, isso é tão empolgante! — Ela sorriu.

Naquela noite, passei mais ou menos uma hora ao telefone com Tim, obtendo o máximo de informações possível. Perguntei se algum gatinho poderia ter levado Rusty a fugir (agitação na casa, por exemplo, ou um rival felino), mas Tim foi irredutível ao insistir que, até onde ele sabia, nada havia mudado.

— A senhora que mora no apartamento em frente morreu na semana passada, o que foi triste — ele afirmou. — Mas, fora isso, as coisas andam bem paradas por aqui.

Ninguém vira Rusty em toda a vizinhança, mas naquela manhã Tim recebera ligações de duas testemunhas separadas em um vilarejo a alguns quilômetros de distância dizendo ter visto em seu jardim um gato que correspondia à descrição de Rusty.

— Duvido que seja ela, porque Rusty nunca foi tão longe — disse Tim. — Mas gostaríamos que você investigasse, se não tiver problema.

— Fico muito feliz em ajudar — respondi, antes de mencionar casualmente que seria acompanhado por uma colega canina: — Minha cocker spaniel, Molly, vai comigo. Ela é boa com cheiros e não tem problema com gatos, então poderá ser útil. Tudo bem?

Eu estava minimizando as coisas de propósito, para não colocar nenhuma pressão sobre Molly ou sobre mim mesmo.

— Claro, tudo que puder ajudar é ótimo.

Fiquei acordado até tarde aquela noite, debruçado sobre mapas digitais, plantas e fotos. Era importante que eu me inteirasse sobre a área para que tivéssemos mais chances de localizar o gato perdido. Quando senti que estava pegando no sono, fechei o *laptop* e fui dar uma olhada em Molly, como fazia toda noite. Ela sentiu o meu olhar, levantou a cabeça e abriu um olho, sonolenta.

— Temos um grande dia pela frente — sussurrei. — Te vejo amanhã bem cedo.

*Eu sei, pai, Molly pareceu dizer. Então por que não me deixa dormir?*

Ela retribuiu o meu olhar por alguns segundos antes de se aninhar e continuar a dormir.



Saímos às cinco da manhã em ponto. A previsão meteorológica havia acertado — o dia nascera fresco e nublado, com uma leve brisa: as condições perfeitas para nossa busca, eu esperava. Sarah acordara cedo para se despedir de nós, muito consciente da magnitude das próximas horas, pois me vira investir naquele momento por um longo tempo, e sabia o quanto significava para mim.

— Espero que corra tudo bem. — Sarah sorriu, e eu estranhei um pouco o tapinha gentil e cuidadoso que ela deu na cabeça da cocker

spaniel antes de desejar-lhe boa sorte. Minha namorada não era fã de cachorros e ainda não tinha se acostumado com a presença de Molly em casa... Aquilo era uma rara demonstração de afeto.

Molly retribuiu as palavras simpáticas com uma bela lambida na mão de Sarah. Sorri para mim mesmo, imaginando minha namorada correndo para lavar as mãos no momento em que voltasse para dentro.

Depois de duas horas de viagem de West Sussex para Hertfordshire, fui recebido por Tim e Jasmine do lado de fora do seu prédio moderno de quatro andares. Os dois eram jovens, loiros e pareciam atléticos — imaginei que tivessem uns vinte e cinco anos —, mas traziam no rosto uma expressão vidrada que eu conhecia muito bem. Como ocorrera com muitos dos meus clientes, seu precioso animal de estimação havia desaparecido, e eles estavam morrendo de preocupação.

Meu olhar se desviou para um cartaz enorme na janela da frente. POR FAVOR, ESTOU PERDIDA, declarava. PODE ME AJUDAR A ENCONTRAR MINHA CASA?

Atrás do texto impresso via-se uma foto da gatinha perdida. Rusty era uma gata bonita com uma cara amistosa. Tinha as pernas e o peito brancos, e as manchas pretas ao redor dos olhos formavam uma máscara, como a do Zorro.

— Eu adoraria que todos os meus clientes fizessem algo profissional assim — falei.

— Trabalhar como designer gráfico pode ser útil de vez em quando... — respondeu Tim, com um sorriso abatido.

— E Rusty é muito fotogênica — acrescentou Jasmine, melancólica.

Segui o casal para dentro, deixando Molly no carro (sempre no meu campo de visão) com seus brinquedos favoritos como companhia. Eu sabia que ela teria uma sobrecarga sensorial se entrasse em um apartamento desconhecido, e precisava mantê-la o mais calma possível. Mas não só isso: era fundamental que ela pudesse focar apenas no cheiro de Rusty, se eu tivesse a sorte de conseguir uma boa amostra.

Nós três discutimos um plano de ação. Jasmine precisava trabalhar aquela amanhã, então apenas Tim seguiria comigo e Molly na busca. Nossa primeira parada seria o vilarejo próximo, no qual duas pessoas



havam visto gatos parecidos com Rusty. Antes de irmos, no entanto, cautelosamente fiz um pedido:

— Sei que pode parecer meio esquisito, mas você se importa se eu pegar uma amostra de pelo de Rusty? Molly é uma farejadora treinada e ela pode achar alguma coisa.

Eu estava indo devagar, é claro, preparando o terreno. Precisava administrar as expectativas dele, para que não pensasse que usar um cão rastreador era garantia de que encontraríamos Rusty.

— Claro, fique à vontade. Rusty solta bastante pelo. A caminha dela deve estar cheia.

Peguei o meu pote de vidro esterilizado e guardei nele um punhado de pelos brancos, mais do que o bastante para que o impressionante nariz de Molly pudesse começar a trabalhar.



Broomfield era composta por um punhado de pequenas casas cercadas por uma extensa floresta. Paramos no estacionamento de um pub, onde coloquei a coleira especial na Molly e fechei o zíper do meu casaco da empresa. Vínhamos trabalhando na transição para o modo “trabalho” na Bramble Hill Farm, e vestir nossos “uniformes” era uma parte vital da rotina. Por estar muito animado, me esforçava para manter uma postura profissional, mas Molly sentiu o meu nervosismo e começou a choramingar e andar em círculos.

Tim e eu observávamos a área quando um vento forte chegou e bagunçou os nossos cabelos. *Isso não estava previsto*, pensei. Olhei para o horizonte e vi os sinais de uma frente quente vindo em nossa direção, o que significava vento estável pelo resto do dia, seguido de chuva. Fiz um cálculo rápido da velocidade do vento e estimei que tínhamos cerca de seis horas antes que a chuva chegasse.

— Precisamos começar logo, Tim — afirmei, consultando o relógio.

— Tudo bem, Colin, vamos lá.

Tim e eu logo identificamos os dois jardins, que ficavam em lados opostos da rua, em que Rusty talvez tivesse sido vista. Felizmente, ambos os proprietários nos deram livre acesso. Respirei fundo e, com o

coração acelerado, peguei as amostras de pelo de Rusty para mostrar a Molly pela primeira vez. Tim arregalou os olhos, surpreso e fascinado, enquanto eu abria o vidro, que ofereci para que Molly cheirasse com o comando de “Toma” — em espanhol — como sempre. A palavra fora cuidadosamente selecionada pelos treinadores, já que ela nunca a tinha ouvido em casa, onde falávamos inglês, ou em qualquer outro contexto.

Molly sentiu o cheiro e esperou que eu desse a ordem para que iniciasse sua busca. Então, entrou no primeiro jardim, balançando o rabo furiosamente.

— Nossa... — Tim, aos poucos, ia se dando conta de que Molly não era um cão comum. — Ela foi treinada para fazer isso?

— Foi. — Sorri. — Mas, Tim, você tem que saber que essa é a primeira busca de verdade da Molly. Seria injusto com você, e com ela, prometer alguma coisa, mas garanto que a Molly se esforçará ao máximo para encontrar Rusty.

Após procurar, sem sucesso, pelo odor em toda parte, fez contato visual comigo para indicar que tinha acabado de varrer a área.

*Nada de gato aqui, pai... Vamos embora...* foi como decifrei a sua linguagem corporal.

O mesmo aconteceu no segundo gramado. Molly não conseguiu localizar nenhum rastro. Eu tinha tanta fé em sua habilidade, que só podia concluir que Rusty jamais passara por ali. No entanto, assim que disse “Vem, Molly”, notei um gato preto, branco e marrom atravessando o gramado. Apertei os olhos para vê-lo melhor enquanto se aproximava.

*Ah, meu Deus, pensei. É Rusty quem está vindo na minha direção? Será que Molly não está num bom dia?*

— É ELA! — gritou da janela da cozinha o proprietário. — Essa é a gata que eu vi!

Tim teve um sobressalto, mas sua reação ao ver o animal foi muito clara. Molly, por sua vez, permaneceu imóvel, o que me dizia tudo o que eu precisava saber.

— Não é ela. — Triste, Tim balançou a cabeça. — É a mesma cor, mas as marcas são diferentes. Rusty tem o nariz meio rosa, meio preto. Eu a reconheceria em qualquer lugar.

Desanimados depois da identificação equivocada, fomos tomar um café no pub enquanto Molly bebia água de um pote fazendo um barulhão. Ela precisava fazer muitas pausas e estar hidratada durante a busca, e eu tomava cuidado para que não ficasse sobrecarregada e tivesse fadiga olfativa (também conhecida como “cegueira nasal”), o que faria com que ela perdesse a capacidade de isolar um cheiro em particular.

Tim aproveitou a oportunidade para atualizar a namorada. “*Nada ainda. Mando notícias. Bjs*” escreveu.

Para conseguir mais pistas sobre o desaparecimento de Rusty, perguntei a Tim sobre sua vizinhança. Como o assunto da senhora que havia morrido foi mencionado de novo, pedi mais informações. De acordo com Tim, ela morreria de causas naturais, e seu corpo fora levado por uma ambulância poucas horas depois. Fiquei curioso.

— Você lembra em que dia ela morreu, Tim?

— Hum, preciso pensar... — Ele contou nos dedos. — Sexta. Isso, deve ter sido na sexta.

— Foi nesse dia que Rusty sumiu?

— Isso... Creio que foi, sim. Sei o que está pensando, Colin, mas Rusty morre de medo de carros, porque sempre acha que vai ser levada ao veterinário.

— Mas ambulâncias não são carros comuns. — Como policial, eu lidara com muitas mortes repentinas e tinha visto dezenas de veículos diferentes, mas a maioria das vans eram grandes e tinham janelas tapadas e rampas de acesso, o que fez com que meus instintos investigativos entrassem em ação. — Você pode me dar alguns minutos, Tim? Preciso fazer umas ligações.

— Claro. Vou fumar um cigarro lá fora. Tinha parado no ano passado, mas tive uma recaída depois que Rusty sumiu.

Liguei para o médico da vizinha falecida. Ele me informou que, como a mulher tinha mais de noventa anos, sua morte fora considerada “esperada”, o que dispensou qualquer envolvimento da polícia para liberar o corpo, que foi transportado em uma ambulância pública para o velório em Stonebridge — a cerca de um quilômetro e meio da casa do meu cliente. De acordo com os funcionários de lá, o veículo — uma grande van azul-escura — ficara estacionado do lado de fora pelo restante do dia. Lentamente, o quebra-cabeça começava a ser resolvido.

Fui até o estacionamento (seguido por uma Molly revigorada) e encontrei Tim apoiado na capota do carro, jogando no lixo a bituca de cigarro apagada.

— Então — eu disse —, acho que pode ter sido um caso de deslocamento acidental.

Contei a ele que havia uma possibilidade muito real de Rusty ter entrado na ambulância quando ela estava estacionada diante do prédio — talvez pela rampa —, e assim ter sido levada embora. Sem dúvida, a linha do tempo fazia sentido e explicaria o motivo de seu desaparecimento repentino.

— Próxima parada, Stonebridge. — E sinalizei para que Tim voltasse ao carro.



A recepcionista do velório confirmou a rota da ambulância, mas disse que nenhum gato foi encontrado dentro dela. A mulher admitiu, no entanto, que a porta traseira do veículo provavelmente fora aberta e fechada inúmeras vezes pelos funcionários.

— Sinto muito por não poder ajudar mais — ela disse —, mas o senhor pode falar com as atendentes dos Correios ao lado. Elas sempre sabem de tudo e falam pelos cotovelos.

Ela não tinha exagerado. As funcionárias atrás do balcão adoraram Molly — e o homem alto e bonito que perdera a pobre gata. Depois de ouvir nossa história, elas concordaram em colocar um dos cartazes de Tim no quadro de avisos. Enquanto eu o afixava com tachinhas, um senhor entrou, deu uma olhada na foto de Rusty e suspirou.

— Essa gata estava na nossa cerca hoje de manhã. Tenho certeza — ele declarou. — Um animal lindo, com o rabo bem fofo. Lembro que minha esposa disse que nunca a vira antes. Ah, e ela tinha esse nariz diferente...

Tim pegou no meu braço, agitado. Talvez minha teoria da ambulância estivesse certa.

— Poderia nos levar até seu jardim agora? — perguntei.

— Vou só pegar minha pensão primeiro, meu amigo. — Ele esboçou um sorriso. — Então vocês poderão me seguir.

Dez minutos depois, eu estava agachado do lado de fora da casa de tijolos vermelhos do sr. Renshaw, pegando o vidro e repetindo a rotina. Com o cheiro de Rusty em suas narinas, Molly saiu correndo para o jardim dos fundos e, em segundos, fez o “Deita” no centro do gramado. Era o sinal de que havia encontrado algo, uma resposta rápida para que me alertasse sem assustar nenhum gato. A manobra envolvia deitar e se manter imóvel e em silêncio, com as pernas dianteiras esticadas e as traseiras encolhidas debaixo do corpo, com a cabeça levantada e os olhos atentos. Seu corpo tremia de animação com a “vitória” e de expectativa por uma recompensa. O meu coração disparou. Tínhamos treinado muitas vezes, mas ela nunca o fizera diante de um cliente de verdade.

— O que isso significa? — Tim sussurrou para mim ao observar Molly.

— Ela está sinalizando que localizou uma alta concentração do cheiro de Rusty, o que quer dizer que sua gata passou por aqui recentemente. Só precisamos descobrir onde ela está agora.

Enquanto Tim, animado, mandava uma mensagem para Jasmine, recompensei Molly por fazer seu trabalho. Ela detectara o cheiro, no fim das contas, mesmo que a gata não estivesse mais ali. Seu biscoitinho favorito foi devorado em uma fração de segundo.

Usando os meus conhecimentos meteorológicos, tentei entender por que Molly se deitara no meio do jardim e por que o cheiro se acumulara naquele ponto específico. Fui até lá e me virei contra o vento. A brisa vinha do outro lado da cerca, o que devia ter jogado o ar para cima, fazendo com que invadisse o gramado como uma onda, carregando o cheiro até onde Molly indicara.

*Boa garota, pensei. Molly acertou em cheio.*

Com Rusty muito provavelmente na área, era fundamental investir toda a minha fé em Molly e empregar uma abordagem estratégica e metódica. Antes de tudo, precisávamos reduzir a área de busca. Havia cerca de trinta casas do lado da rua em que ficava a casa do sr. Renshaw. Tínhamos que selecionar as propriedades mais promissoras, já que metade do dia fora desperdiçado no vilarejo errado. Por isso, decidi andar com Molly pelo caminho que dividia os jardins das residências. Conforme fomos passando, percebi que Molly estava

totalmente focada, às vezes dando voltas de cento e oitenta graus. Senti a adrenalina tomar conta de mim, já que aquilo geralmente indicava que Molly achara algo significativo.

— Tim, poderia me fazer um favor e bater na porta das casas? — pedi. — Molly está desesperada para entrar nos jardins, e precisamos pedir permissão.

Na primeira casa — de número 36 — moravam duas irmãs octogênárias que, apesar de um pouco perplexas com o tumulto, não se incomodaram em deixar que fizéssemos uma busca em seu terreno.

*As pobres senhoras podem se arrepender*, imaginei, enquanto Molly disparava para o portão dos fundos como uma flecha e avançava sobre o jardim mais impecável que eu já tinha visto.

— Meu Deus, parece uma exposição de flores — sussurrou Tim.

— Não vai mais parecer quando Molly tiver terminado — retruquei.

Totalmente concentrada, Molly passou por fontes ornamentais para pássaros e vasos e revirou o gramado bem cuidado, depois subiu em uma pedra. Sua cauda agitada batia nas flores finas como papel.

— Sinto muito por isso — eu disse às irmãs. — Posso colocar a coleira nela se preferirem.

— De jeito nenhum! — uma das duas respondeu. — Isso é *fascinante*...

Molly parou de repente e deu outra volta antes de se dirigir à cerca recém-pintada e raspar as patas na madeira verde-escura. Sua intensidade aumentava, e eu precisava saber o motivo.

*O que está tentando me dizer, Molls?*, pensei, me achando o Sherlock Holmes falando com o Watson.

*Quero ir pra casa ao lado, quero ir pra casa ao lado*, ela parecia dizer. Ela me olhava pedindo permissão. *Me deixa ir pra casa ao lado*.

*Fica aqui comigo, Molly*, transmiti em pensamento.

Por cima da cerca, vi uma mulher de meia-idade e um adolescente — mãe e filho, supus — que estavam no pátio e olhavam em nossa direção, claramente espantados com o barulho e a agitação vindos da residência ao lado. Notei que o jardim deles não era tão arrumado quanto o das irmãs, apesar do gazebo impressionante e do amplo deque.

— Podemos entrar, por favor? — gritei, dando um resumo dos fatos, e indo para o portão da frente seguido por Molly e Tim.

Um pequeno grupo de pessoas, incluindo uma das funcionárias dos Correios, se reunira na calçada. A notícia do cachorro que encontrava gatos desaparecidos havia se espalhado.

Fiz sinal para que Molly fosse em frente. Muito concentrada, ela entrou no jardim do número 38, correu para o deque e se virou para mim. Com os olhos fixos nos meus, fez o “Deita” mais enfático que eu já tinha visto.

— Ah, meu Deus, ela está fazendo aquilo de novo — sussurrou Tim, com a voz trêmula. — Encontrou Rusty?

— Espera um segundo... — pedi antes de me deslocar na direção do gazebo e espiar pela porta de vidro entreaberta.

Sentado num canto escuro, em cima de uma almofada azul, estava um gato. Um gato branco, preto e marrom. De olhos amendoados e cauda fofa. E nariz rosa e preto.

— RUSTY! — gritou Tim, incapaz de controlar as emoções. — Minha gata! Molly a encontrou!

— Uma *gata*? Não acredito! — comentou o filho adolescente, que não fazia ideia de que tinham um hóspede.

— É o que acontece quando seu pai não fecha a porta direito — disse a mãe. — Coitadinha.

Em segundos, no entanto, o pior aconteceu. Talvez por causa dos gritos de seu dono, Rusty saiu correndo pela entrada de carros e atravessou inúmeros jardins. Tim correu atrás dela, pulando as cercas vivas como um atleta, e, finalmente, conseguiu pegá-la em um arbusto. Corri até lá, com Molly à frente, e o encontrei de pé na calçada, com a gata nos braços e lágrimas de alegria escorrendo pelas bochechas.

— Não sei o que dizer — ele começou. — Não consigo acreditar que vocês a encontraram. Obrigado, Colin. Obrigado, Molly. Muito, muito obrigado!

Os vizinhos reunidos começaram a aplaudir.

— Foi a coisa mais empolgante que aconteceu por aqui em anos — alguém disse, rindo.

— Melhor que *Missão impossível* — alguém acrescentou.

As irmãs do número 36 foram bondosas e permitiram que Tim levasse Rusty para dentro da casa delas, onde a gata tomou água e devorou a comida doada por um vizinho. Sentado à mesa da cozinha, Tim

deu a boa notícia a Jasmine (que se desmanchou em lágrimas), e a pôs a par dos eventos do dia.



Depois que ele desligou, eu me levantei, me despedi e me dirigi ao campo verde atrás dos jardins dos fundos. O céu estava escuro, havia nuvens pesadas ao nosso redor, mas, para mim, era um lindo dia de verão.

Enquanto eu absorvia tudo, os meus olhos começaram a embaçar. Quatro anos antes, eu me propusera a encontrar e treinar um cachorro que pudesse rastrear gatos, imaginando que aquilo levaria uns seis meses. Por centenas de horas, pesquisei sobre cognição canina e viajei milhares de quilômetros para encontrar os maiores especialistas e superar muita resistência e hostilidade contra a minha ideia, porque muita gente me disse que não ia dar certo e que eu era tolo e iludido.

Naquele momento, no entanto, eu finalmente provava que estava certo. Usando técnicas de rastreamento, Molly e eu solucionamos o caso e retornamos um animal ao seu dono. Eu tinha adotado um papel analítico e estratégico, baseado na minha experiência como investigador para avaliar probabilidades e possibilidades. A minha parceira, Molly, se mostrou o meu par perfeito — cheia de energia, determinada e abençoada com um talento natural impressionante. Como uma equipe, fizemos nosso trabalho de maneira eficiente e muito profissional.

Ajoelhei-me e acariciei gentilmente a cara de Molly, porque sabia o quanto ela gostava de estabelecer um vínculo comigo através do toque.

— Acredita nisso, Molly? — Sorri enquanto ela lambia delicadamente minha palma. — Encontramos nosso primeiro gato perdido!

Dando uma olhada rápida por cima do ombro para me certificar de que estávamos sozinhos, dei um pulo e gritei de felicidade o mais alto que consegui. Molly levou um susto, mas logo começou a pular e a latir em resposta. Ficamos correndo pelo campo como loucos, totalmente indiferentes à chuva pesada que começara a cair.



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



**CAMPANHA**

Há um grande número de portadores do vírus  
HIV e de hepatite que não se trata.  
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e  
hepatite é mais rápido do que ler um livro.  
**FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA  
GRÁFICA LC MOYSES EM SETEMBRO DE 2019